

O Realismo e Naturalismo no Brasil

Teoria

O Realismo



(O Desesperado, Gustave Courbet. 1845)

Visando combater as fortes influências do Romantismo, no século XIX, o movimento do Realismo surge com uma **reação ao subjetivismo e ao idealismo amoroso**. Neste sentido, a literatura, assim como as outras manifestações artísticas desse movimento literário, buscou denunciar a hipocrisia das relações sociais frente ao início da formação do cenário burguês, prezando, ainda, por um resgate ao objetivismo.

Contexto histórico

Os principais acontecimentos da metade do século XIX que marcaram o contexto histórico realista são:

- Valorização das correntes filosóficas científicas que buscavam compreender o indivíduo;
- Acelerado progresso tecnológico;
- Revoltas Liberais;
- Positivismo;
- Empirismo;
- Evolucionismo;
- Influência determinista

Características do Realismo

Como o próprio nome da escola já pressupõe, o Realismo lida com fatos, com a realidade do homem e a sociedade em conjunto. Por se desvincular da subjetividade romântica, este movimento propõe uma visão crítica à realidade e às relações junto ao uso de uma linguagem culta e direta. Veja, abaixo, as principais características do Realismo:

- Objetivismo;
- Descritivismo;
- Compromisso com o real;
- Denúncia da hipocrisia humana;
- Retrato da mulher com qualidades, mas também, defeitos;
- Enfoque nos aspectos psicológicos;
- Herói problemático;

- Amor subordinado aos interesses;
- Apresentação dos costumes/valores da classe média;
- Universalismo.

Conforme menciona Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970): “Do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual. Quanto à composição, os narradores realistas brasileiros também procuraram alcançar maior coerência no esquema dos episódios [...] por necessidades objetivas do ambiente”. Dessa forma, é possível perceber que, sobretudo ao que corresponde a escola literária em questão no Brasil, surge uma necessidade de evidenciar a realidade da época e transformá-la em literatura.

Como representantes da escola literária, destacam Machado de Assis e Martins Pena no Brasil e, em Portugal, Eça de Queirós.

Trecho da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis.

Capítulo 7

O Delírio

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na Suma Teologica de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ed Nova Aguilar, 1994. p 8-9.

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, é considerado o marco do Realismo brasileiro. O mesmo apresenta as seguintes características:

- A representação dos hábitos da classe média;
- Uma postura anti-romântica, ou seja, negando o sentimentalismo comum ao Romantismo e a idealização da mulher – as mulheres em *Brás Cubas*, por exemplo, tinham defeitos, no geral, e não eram tratadas como puras e virginais;
- A presença forte de um discurso irônico como, por exemplo, a primeira frase do texto acima: “Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá”;
- A ausência de um herói idealizado.

Trecho do romance “Primo Basílio”, de Eça de Queirós.

Luísa veio para o quarto quase sem se poder sustentar. Estava perdida! Estava perdida! Uma multidão de ideias, todas extremas e insensatas, redemoinhava no seu cérebro como um montão de folhas secas numa ventania: queria fugir, atirar-se ao rio, de noite; arrepentia-se de não ter cedido ao Castro... De repente imaginou Jorge abrindo as cartas que Juliana lhe entregava, lendo: *Meu adorado Basílio!* Então uma cobardia imensa amoleceu-lhe a alma. Correu ao quarto de Juliana, ia suplicar-lhe que lhe perdoasse, que ficasse, que a martirizasse!... E Jorge depois? Diria que a Juliana chorara, se atirara de joelhos! Mentiria, cobri-lo-ia de beijos... Era nova, era bonita, era ardente – convencê-lo-ia!

Juliana não estava no quarto. Subiu á cozinha; estava lá, sentada, com os olhos chamejantes, os braços nervosamente cruzados, numa raiva muda. Apenas viu Luísa, deu um salto sobre os calcanhares, e mostrando-lhe o punho, berrou:

- Olhe que a primeira vez que você me torne a falar como hoje, vai aqui tudo raso nesta casa!
- Cale-se, sua infame! – gritou Luísa.
- Você manda-me calar, sua p...! – E Juliana disse a palavra.

Mas a Joana correu, atirou-lhe pelo queixo uma bofetada que a fez cair, com um gemido, sobre os joelhos.

- Mulher! – bradou Luísa arremessando-se sobre a Joana, agarrando-a pelos braços.

Juliana, assombrada, fugiu.

- Ó Joana! Ó mulher! Que desgraça, que escândalo! – exclamava Luísa com as mãos apertadas na cabeça.
- Racho-a! – dizia a rapariga com os dentes cerrados, os olhos como brasas – racho-a!

Luísa andava em volta da mesa da cozinha, automaticamente, pálida como a cal, repetindo, toda a tremer:

- O que você foi fazer, mulher! O que você foi fazer!

A Joana, ainda toda revolvida de sua cólera, com o rosto manchado de vermelho, remexia furiosamente as panelas.

- E se ela me diz uma palavra, acabo-a, aquela bêbeda! Acabo-a!

Luísa desceu ao quarto. No corredor saiu-lhe Juliana, com a cuia à banda, as dedadas escarlates na face, medonha.

- Ou aquela desavergonhada vai já pra rua – gritou ela – ou eu vou-me pôr lá embaixo na escada, e quando seu homem vier, mostro-lhe tudo!...
- Pois mostre, faça o que quiser! – disse Luísa, passando, sem a olhar.

Fora uma desesperação, um ódio que a tinham decidido. Mais valia acabar por uma vez!...

QUEIRÓS, Eça. *O primo Basílio*. Ed O Globo, 1997, p. 365 – 367.

Na obra acima, publicada por Eça de Queirós em 1878, há a presença de uma temática bastante abordada no Realismo: o adultério. Da mesma maneira que ocorre com a obra francesa *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e sutilmente (por tratar do adultério como uma suposição, não há a resposta para a famosa pergunta “Traiu ou não traiu?”) em *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, há a representação de um possível triângulo amoroso. Em *O Primo Basílio*, tal traição ocorre efetivamente, pois enquanto o marido Jorge viaja a trabalho, a esposa Luísa, entediada e sozinha, dá início a um relacionamento com o primo Basílio.

A temática busca refletir sobre a hipocrisia da classe média/burguesia, que valorizava a instituição do matrimônio, porém, por detrás dessa “fachada”, há a presença da infidelidade. Assim, os autores realistas procuram explorar minuciosamente tais comportamentos humanos e desnudar a burguesia, de modo que ocorra a descrição mais próxima possível do real. Além disso, há uma outra questão nesta obra referente a outros personagens, como a importância da criada (ou seja, personagem socialmente inferior à burguesa/patroa, Luísa) na narrativa e na defesa da honra do marido traído, conforme o conflito representado pelo trecho acima pode exibir.

O Naturalismo

Quanto ao Naturalismo, embora seja uma corrente do movimento literário realista, possui um maior enfoque nas **classes populares** e na **visão científica da literatura**. Assim, a literatura naturalista propõe uma nova maneira de observar a sociedade e denunciar a condição humana e a divisão de classes que surgem com o contexto burguês. É importante dizer que, por ser uma corrente do Realismo, muitas de suas características remetem aos traços realistas, tais como a visão crítica, o descritivismo e a objetividade.

Características do Naturalismo

Veja, abaixo, os aspectos mais marcantes desse movimento:

- Visão determinista;
- Animalização dos personagens;
- Objetivismo científico;
- Sexualização do elemento feminino;
- Impessoalidade;
- Descritivismo;
- Foco no coletivo;
- Valorização de aspectos biológicos;
- Despreocupação com a moral;
- Linguagem mais simples.

Os grandes nomes dessa época eram Júlio Ribeiro, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Raul Pompeia e Aluísio Azevedo. Este último é o principal autor da época, e as obras que mais se destacam são “O Mulato”, “Casa de pensão” e “O Cortiço” com enfoque de escrita para o **romance de tese**.

O romance de tese

O romance de tese tem influência da visão determinista em seu texto, em outras palavras, o narrador tenta mostrar que o homem não consegue vencer e é movido pelas forças no meio, da raça e do contexto histórico. Dessa maneira, há uma valorização dos aspectos patológicos e, para o leitor, a previsibilidade de entender que os personagens não conseguem promover nenhum tipo de transgressão, pois estão vinculados ao Determinismo da época.

Trecho da obra “O cortiço”, na qual o espaço do cortiço é apresentado aos leitores:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostrava uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíram mulheres que vinham dependurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças e as saias; as crianças não se davam o trabalho de lá ir, despachavam-se li mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se: o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1995, p.35-36.

— Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

161

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

— Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

— É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

— Mas imediatamente.

— Onde está ela?

— Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sina! aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

(AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Círculo do livro, 1991.)

Nos dois trechos acima, ambos extraídos de *O Cortiço*, é possível chamar a atenção para alguns elementos comuns ao estilo literário naturalista. No primeiro texto, dá-se início ao começo de um novo dia, inferindo-se que o plano de fundo é o cortiço. No entanto, logo na primeira frase “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas”, reparamos que esse espaço não é somente um cenário, mas, sim, que ele tem vida: ele desperta pela manhã e abre suas portas e janelas. Aqui temos a representação desse local como um **ser biológico**, semelhante a uma floresta, algo vivo: e, ao lermos o romance, vemos que tal espaço tem o poder de **determinar a vida de seus moradores**, corrompendo-os e impedindo-os de evoluir e sair daquela condição.

Já no trecho seguinte, reflete-se outro traço comum ao Naturalismo, que é a **despreocupação ética e moral**. João Romão, amante de Bertoleza, denuncia-a como escrava fugida, a fim de alcançar um objetivo de ascensão social: casar-se com a filha do comerciante Miranda. Assim, diante da possibilidade de ser presa, Bertoleza suicida-se, ato que não desperta o menor ressentimento em Romão. Essa cena reflete a capacidade humana de passar por cima até mesmo de afetos e companheiros, a fim de alcançar o poder: seguindo o lema “os fins justificam os meios”. Além disso, há também a representação da **animalização** desta personagem, que, ao morrer, é descrita de modo não-humano, “rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue”.

Exercícios

1. “O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.” Para realizar essa proposta literária, quais os recursos utilizados no discurso realista?
- a) Determinismo social ou biológico e imaginação criadora.
 - b) Linguagem natural, sem rebuscamentos e preocupação com mensagem que revela o materialismo do homem.
 - c) Preocupação revolucionária e senso de mistério.
 - d) Acentuação sobre temáticas paradoxais e retorno ao passado.
 - e) Presença de uma antiguidade clássica e necessidade de identidade nacional.

2. O Mulato

Ana Rosa cresceu; aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto de ouvir.

Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

— Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; as reticências dos que lhe falavam de seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.

AZEVEDO, A. *O Mulato*. São Paulo: Ática, 1996 (fragmento).

O texto de Aluísio Azevedo é representativo do Naturalismo, vigente no final do século XIX. Nesse fragmento, o narrador expressa fidelidade ao discurso naturalista, pois

- a) relaciona a posição social a padrões de comportamento e à condição de raça.
- b) apresenta os homens e as mulheres melhores do que eram no século XIX.
- c) mostra a pouca cultura feminina e a distribuição de saberes entre homens e mulheres.
- d) ilustra os diferentes modos que um indivíduo tinha de ascender socialmente.
- e) critica a educação oferecida às mulheres e os maus-tratos dispensados aos negros.

3. “Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente, uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d’água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; viase-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos.”

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

Este fragmento pertence a *O Cortiço*, obra emblemática do Naturalismo. São características desse fragmento, típicas desse movimento literário, entre outras,

- a) o idealismo na descrição feminina.
- b) a sensualidade idealizada.
- c) a visão da realidade atrelada aos elementos naturais.
- d) a fuga à realidade, a partir de um local idealizado, como o cortiço.
- e) a descrição visando aproximar homens de animais e destacar aspectos desagradáveis do ambiente.

Texto para as questões 4 e 5.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo e torno do corpo dele, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha naquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

4. O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseiam-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só NÃO se encontra a
- a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
 - b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos
 - c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
 - d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
 - e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

5. Para entender as impressões de Jerônimo diante da natureza brasileira, é preciso ter como pressuposto que há
- a) um contraste entre a experiência prévia da personagem e sua vivência da diversidade biológica do país em que agora se encontra.
 - b) uma continuidade na experiência de vida da personagem, posto que a diversidade biológica aqui e em seu local de origem são muito semelhantes.
 - c) uma ampliação no universo de conhecimento da personagem, que já tinha vivência de diversidade biológica semelhante, mas a expande aqui.
 - d) um equívoco na forma como a personagem percebe e vivencia a diversidade biológica local, que não comporta os organismos que ele julga ver.
 - e) um estreitamento na experiência de vida do personagem, que vem de um local com maior diversidade de ambientes e de organismos..

Gabarito

1. B

Entre as informações analisadas, a alternativa B se faz a única completamente correta. Uma das principais características do Realismo é o objetivismo e o compromisso com a realidade, desvinculando-se da imaginação e do senso de mistério. Também há a presença de linguagem simples e a necessidade de demonstrar o materialismo humano com as mudanças sociais. Ademais, como o realismo busca retratar as relações sociais do presente, o retorno ao passado seria incoerente ao movimento literário.

2. A

O Naturalismo é um movimento literário que, dentre outras coisas, procurou aplicar as correntes científicas – determinismo, positivismo, método científico etc – do século XIX na Literatura. Dessa forma, é comum que seus textos: tratem suas personagens de forma animalizada, agindo por instinto; abordem os problemas sociais como patologias; tenham compromisso com a realidade, etc. Sendo assim, nesse fragmento, o narrador é fiel ao naturalismo por relacionar a posição social a padrões de comportamento e à condição de raça, tratando assuntos como um cientista faz um experimento.

3. E

A descrição, a zoomorfização e o detalhamento da realidade são características do Realismo e estão evidentes no trecho destacado. As informações contidas nas alternativas A, B e D não pertencem ao Realismo.

4. E

A alternativa E está incorreta, pois no trecho do livro “O cortiço” – assim como no Naturalismo – não há a ideia de seleção natural, mas sim de determinismo biológico, pois as personagens não são selecionadas naturalmente, mas são reflexo do meio em que vivem (como exemplo Jerônimo e Pombinha).

5. A

As impressões do personagem em relação à natureza brasileira são baseadas em sua experiência como homem português: é tudo novo e muito diverso.